

Design Participativo e Economia Solidária: em busca de um co-design possível

RESUMO

Reconhecendo as discussões em andamento no movimento da Economia Popular Solidária no Brasil e tomando como base a pesquisa desenvolvida com a Rede de padarias comunitárias Fermento na Massa, este artigo conta sobre o retorno das atividades da Rede pós Covid-19, a aproximação das pesquisadoras com a Rede e a troca que fizemos entre conhecimentos de design gráfico das pesquisadoras e as experiências como trabalhadoras da Economia Solidária. A partir disso buscamos discutir as relações entre a prática do design e a Economia Solidária, dialogando com os conceitos de design participativo e autogestão na prática da Economia Solidária buscamos refletir sobre as possibilidades de uma prática de um design mais solidário, co-produzido e buscando maior autonomia das trabalhadoras nos processos de comunicação e venda.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Solidária. Design Participativo. Fazer design. Design social. co-design.

Helen Vanessa Melezinski
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, UTFPR, Curitiba,
Paraná.

Maíra Fernandes Costa
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, UTFPR, Curitiba,
Paraná.

Mário Lopes Amorim
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, UTFPR, Curitiba,
Paraná.

Wanderley José Deina
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, UTFPR, Curitiba,
Paraná.

INTRODUÇÃO

Embasada nos princípios da autogestão e da partilha dos meios de produção, a Economia Solidária é uma alternativa de modelo econômico - com capacidade de expansão e sustentabilidade - em uma sociedade capitalista periférica como a que vivemos no Brasil (DAGNINO, 2009).

Considerando que sua origem é fruto de lutas e movimentos de organização popular e as primeiras discussões acerca deste conceito no Brasil datadas da década de 1980, o campo de estudos da Economia Solidária se ampliou rapidamente. De acordo com o Documento orientador da VI Plenária Nacional de Economia Solidária (FBES, 2022), foi a partir de 2002 com os questionamentos trazidos do primeiro Fórum Mundial Social e, naquele momento, com uma provável eleição do governo Lula do Partido dos Trabalhadores (PT), que começaram as organizações para uma política nacional que favorecesse a prática de uma Economia Popular Solidária. De lá pra cá muito se construiu no movimento da Economia Solidária (ES), com as lutas por políticas públicas não apenas no âmbito federal, mas também regionais e municipais, e o fortalecimento e ampliação do campo da ES como um todo.

Durante os últimos quatro anos (2019-2022) passamos por um período de pandemia que somado a uma gestão de desmonte no governo Bolsonaro, deu visibilidade a desigualdade social no Brasil. Em meio a situação alarmante de desigualdade que foi se restabelecendo, a pandemia da Covid-19 reforça e dá visibilidade a crise que já vinha sendo enfrentada (SANTOS, 2020) e a ideia de uma inclusão digital foi praticamente imposta como única alternativa para que a vida pudesse seguir “normalmente” em meio a pandemia. Com a necessidade de se estar conectado para poder continuar trabalhando, estudando, tendo acesso a cultura, saúde, mobilidade e tantas outras necessidades básicas durante o período de isolamento as desigualdades no acesso digital foram escancaradas.

Assim como parte da população que não fazia uso recorrente de dispositivos com acesso à internet, muitos dos trabalhadores de Empreendimentos de Economia Solidária (EES) foram afetados diretamente por essa necessidade de inclusão digital. No tópico intitulado “Economia solidária como modelo de desenvolvimento econômico, social e político”, o documento orientador da VI Plenária Nacional de Economia Solidária (FBES, 2022) aponta questionamentos necessários para a sustentabilidade da ES como desenvolvimento econômico, social e político no território: como estamos encarando a quase inevitável “inclusão digital” no âmbito da Economia Solidária? Como podemos nos apoiar mutuamente para aprender a comercializar nossos produtos pelos meios digitais?

Apoiando-se no conceito de Tecnologia Social (DAGNINO, 2014) para analisar as questões apontadas pelo FBES, podemos perceber que muitas das dificuldades que estes movimentos enfrentam estão ligadas a Tecnologias Capitalistas que promovem uma situação de dependência e subordinação de certos grupos sociais no atual modelo sócio-político-econômico hegemônico.

Partindo da premissa de que o design, enquanto ferramenta de tecnologia social, tem potencial de transformação e não é neutro, o design participativo pode contribuir para a garantia da sustentabilidade de empreendimentos de Economia trabalho, uma diferença importante que deve ser observada na Economia Solidária é a dualidade entre solidariedade e competição.

O acesso à ciência e tecnologia demandada pelo fazer design já são instrumentos de manutenção da desigualdade. Portanto, não basta concretizar projetos e realizar mudanças superficiais, requer aprofundamento e transformação político-estrutural. É imprescindível que tanto informação quanto design aproximem-se dos oprimidos e, em uma troca de experiências e sabedoria, provoquem reflexão acerca da realidade em que estão inseridos. (MACHADO, et al. 2021)

Durante o período de desenvolvimento de nossas pesquisas acadêmicas, em Curitiba e região metropolitana, mantivemos contato com a Rede de Padarias Comunitárias Fermento na Massa e no cotidiano do trabalho na Rede era visível que as considerações do FBES, apontadas anteriormente, eram uma realidade ali também: a maioria das trabalhadoras não tinham habilidade com dispositivos móveis, com o acesso a internet e muito menos com mídias sociais como ferramenta de trabalho.

A necessidade de um apoio com a comunicação da Rede foi trazida pelas próprias trabalhadoras já nos primeiros contatos, uma vez que aumentar o número de vendas era o mais importante naquele momento para a sobrevivência das padarias. Por conta da pandemia da Covid-19, muito do contato diário que as padarias tinham com clientes se perdeu, os preços dos insumos aumentaram, a situação financeira de quem consumia da padaria comunitária também não era a mesma. Era necessário pensar em possibilidades de design e comunicação que pudessem se encaixar na proposta de autogestão e que as próprias trabalhadoras da Rede pudessem desenvolver, não fazia sentido trabalhar em algo que não pudesse ter continuidade. Mas como pensar nessa comunicação - em pleno ano de 2021 - sem pensar em design, mídias sociais, softwares e tecnologias que não teríamos acesso no dia a dia das trabalhadoras?

Durante nossa graduação em Design, pelo menos até 2016, ano que ambas já haviam finalizado o curso, pouco se ouvia falar sobre Design Participativo ou se pensava em trabalhar com design fora do grande mercado capitalista. As aulas que tivemos foram em sua maioria guiadas para a atuação em agências de publicidade ou grandes empresas de design. Destacamos duas experiências mais colaborativas que participamos, o primeiro foi o Projeto para pessoas, iniciativa de alguns professores do do Departamento Acadêmico De Design Industrial (DADIN) e Centro Acadêmico de Design da UTFPR (CADUT), com a realização de eventos e projetos sobre: colaboração, mobilidade urbana, movimento sociais, ambientais e culturais. A outra experiência, talvez a única dentro da Economia Solidária, em que pudemos desenvolver algo real de uma maneira colaborativa - ainda que com pouca participação de quem de fato era “cliente” - foi justamente na criação da identidade visual da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a TECSOL, e foi inclusive, nosso primeiro contato com a Economia Solidária dentro da universidade. Mesmo estando em uma universidade pública, os interesses do capital guiam grande parte das formações, como trabalhar para/com o movimento da Economia Solidária quando pouco se sabe sobre?

No atual modo de produção capitalista a solidariedade é característica da população pobre que pouco tem e sempre que possível distribuí, onde há muito menos competição. (SINGER, 2001). Para além da democratização das relações de Solidariedade quando utilizado nas práticas cotidianas?

Portanto, não deve surpreender que as organizações sociais e econômicas inventadas e mantidas por pobres (desprovidos de propriedade) sejam regidas muito mais pela solidariedade do que pela competição. A economia solidária compreende diferentes tipos de ‘empresas’, associações voluntárias com o fim de proporcionar a seus associados benefícios econômicos. Estas empresas surgem como reações a carências que o sistema dominante se nega a resolver. (Singer, 2001, p. 105)

O desenvolvimento humano e a responsabilidade social também são princípios que distanciam a Economia Solidária da capitalista (GAIGER, 2001). Além de trabalhar no desenvolvimento da autogestão, é necessária a formação de consciência, educação integral seguindo os princípios da Educação Popular, de emancipação social e do comprometimento com a comunidade em que estão inseridos os trabalhadores e o empreendimento. Na discussão sobre emancipação social, de acordo com Paulo Freire (1981), o indivíduo precisa reconhecer-se dentro do processo de libertação, experimentando e se apropriando do poder de expressar sua vivência como protagonista da sua história:

[...] assim, na medida em que os seres humanos atuam sobre a realidade, transformando-a com seu trabalho, que se realiza de acordo como esteja organizada a produção nesta ou naquela sociedade, sua consciência é condicionada e expressa esse condicionamento através de diferentes níveis. (FREIRE, 1981)

É importante reconhecer o potencial transformador de uma participação popular e da construção de projetos a partir de uma metodologia democrática. Os processos de formação popular para o trabalho autogestionado tem objetivo de manter o desenvolvimento de estratégias e potencializar uma emancipação social com o engajamento cotidiano na prática da Economia Popular Solidária. Nesse sentido, é possível perceber aproximações com as metodologias de Design Participativo (DP) onde as próprias trabalhadoras percebem os obstáculos encontrados no caminho e se organizam para debater e realizar formações, bem como para a resolução dos problemas.

Tomando como referência a pedagogia freiriana para prática de um Design Participativo (SERPA, et al. 2020), é possível refletir sobre como metodologias aplicadas através de uma gestão horizontal dos trabalhos também se relaciona com posições mais democráticas que ultrapassam a esfera do trabalho.

Seguindo com uma lógica parecida, o Design Participativo, enquanto metodologia, surge para capacitar trabalhadores e promover a democracia no local de trabalho (SPINUZZI, 2005). Diversas propostas de DP a nível global são adaptadas considerando o território e suas particularidades culturais e sociais para compreensão dos problemas enfrentados como uma proposta democrática de construção (BONFIM, 2018).

Considerando a inexperiência democrática que é característica em países colonizados do sul global como o Brasil (SANTOS, 2020) e a bagagem da exploração do trabalho que dificulta a real compreensão de democracia, a forma mais eficiente de se aprender democracia é vivendo ela na prática (FREIRE, 2019a). Nesse sentido, Serpa, et al. (2020) questionam como aplicar uma metodologia democrática em territórios que não tem referências básicas de como funciona uma auxiliar nas vendas e na gestão da padaria. Porém, durante a primeira reunião, já

A vivência da democratização das relações na Economia Popular Solidária, além de trabalho é um exercício educativo para a compreensão de que outras formas de organização são possíveis. Nesse sentido, a prática do design participativo em ambientes onde já há essa premissa de democratização das relações de trabalho tem um potencial imenso.

Se tratando de grupos que já apresentam pouca aderência ao uso de tecnologias digitais, seja por falta de interesse, necessidade ou habilidade (SILVA, 2020) a participação destes indivíduos no processo precisa também ser planejada em conjunto para que não haja mais uma vez a exclusão, neste caso pela imposição da inclusão digital. De acordo com Dagnino (2014) é rompendo com o ciclo vicioso da exclusão social e com a geração de conhecimento a partir da participação democrática de todos, que será possível garantir a sustentabilidade desses empreendimentos.

A proposta da inclusão supõe a geração de conhecimento que seja coerente com os valores e interesses dos excluídos. Conhecimento imprescindível para alavancar processos autossustentados, autônomos e autogeridos de inclusão e capazes de romper o ciclo vicioso da exclusão social. Pela sua própria natureza complexa, ele não pode atualmente ser produzido de modo autônomo pelos excluídos como seria desejável. Ou seja, é um conhecimento que deve ser produzido com a participação da comunidade de pesquisa. Conhecimento que, por isso, só será útil se for uma construção coletiva, envolvendo esses dois atores – movimentos sociais e comunidade de pesquisa (...) (DAGNINO, 2014. p 297)

Mesmo com a nossa experiência limitada nas metodologias participativas em projetos de design, foram as referências de design participativo que nos possibilitaram contornar algumas dificuldades identificadas no início da pesquisa com a Rede Fermento na Massa. A participação das trabalhadoras no desenvolvimento dos materiais gráficos propostos por elas mesmas - a construção do texto, das formas e formatos de distribuição - foi extremamente importante para co-criarmos um material gráfico atualizado da Rede.

METODOLOGIA

Nossa aproximação com as atividades da Rede Fermento na Massa aconteceu em 2022, após momentos mais críticos da pandemia da Covid-19. Desde os primeiros contatos tivemos acesso a um breve resumo da situação das padarias: estavam todas tentando se reestruturar após o duro período de pandemia. Ao dialogarmos com trabalhadoras da Rede e educadoras do Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (Cefuria), contamos sobre nosso interesse de aproximação na Rede, conscientes que nós como pesquisadoras teríamos muito a aprender com as trabalhadoras da Rede, propomos uma troca de experiências e conhecimentos para somarmos de alguma forma positiva à Rede.

Como o período de pandemia da Covid-19 havia diminuído as vendas das padarias como um todo e o contato pessoal com cada comunidade também havia sido prejudicado com o isolamento social, pensamos em ferramentas que pudessem aumentar a presença online e reverter em vendas, como por exemplo o desenvolvimento de uma plataforma de venda on-line para a Rede, que pudesse democratizar?

percebemos que centralizar e/ou padronizar a forma como as padarias se organizam não fazia sentido para o coletivo.

Primeiramente, porque cada padaria tinha sua própria maneira de administrar as vendas e a divulgação e, segundo, porque grande parte das trabalhadoras tinham pouca ou nenhuma experiência com computadores e tecnologias que pudessem ser necessárias para o manuseio de um software, por mais simples que ele fosse, seria uma nova experiência que levaria um tempo. Percebemos com esse primeiro contato que mesmo assumindo uma postura crítica de pesquisadoras e pesquisadores - buscando a dialogicidade nas práticas extensionistas, objetivando interações de forma comunicativa (FREIRE, 2014) - podemos nesta troca carregar ideias prontas que não condizem à necessidade de um grupo.

Neste segundo momento retomamos conceitos do Design Participativo e buscamos ferramentas que nos ajudassem a desenvolver materiais de design que fossem realmente úteis para aumentar as vendas e/ou facilitar as práticas cotidianas das trabalhadoras.

O DP, um desmembramento do Design de Interação, com origem na Escandinávia, proporciona que pessoas tenham a oportunidade e os meios necessários para tomar decisões sobre a inserção (ou não inserção) de novas tecnologias que levariam a desdobramentos em seus ambientes (BØDKER; KYNG, 2018). O DP vem então como uma nova alternativa, como uma nova forma de desenvolver e aplicar a tecnologia. O foco do DP está em como facilitar a colaboração direta entre usuários e desenvolvedores, por meio de uma coparticipação, para solucionar problemas do cotidiano por meio da tecnologia, como explicam Bødker e Kyng (2018). (SANTOS, 2021, p. 44)

O design participativo tem como premissa a construção de um projeto no qual todo o grupo colabora para chegar a um objetivo comum, durante o processo todos os participantes possuem voz ativa para opinar, sugerir mudanças e traçar novos caminhos. Durante nossa participação nas reuniões abraçamos a postura de ouvintes, buscando conhecer a forma que se organizam, o fluxo de envolvimento das trabalhadoras, as demandas de cada padaria, etc. Assim, conversamos com as trabalhadoras durante os intervalos para o café e, nesse primeiro momento, apenas registramos seus nomes, o nome da padaria em que atua e o telefone para entrarmos em contato posteriormente.

Deixando de lado nossas expectativas enquanto pesquisadoras, seguimos na proposta de trabalhar com a Rede dando um suporte no que nos coubesse durante esse período. Desenvolvemos então, um projeto de mapeamento da situação da Rede Fermento na Massa, ciente da necessidade de sobretudo conhecer a atuação da Rede naquele momento e entender se poderíamos e como poderíamos ajudar.

Naquele momento tínhamos muitas questões em aberto. Quais padarias estavam ativas após o período de pandemia? Qual a estrutura dessas padarias? Quantas trabalhadoras estavam envolvidas? Tendo como ponto de partida essas questões, criamos um questionário simples, encaminhado por WhatsApp com algumas questões sobre o funcionamento da padaria: endereço, dias de trabalho, quantidade de trabalhadoras, como realizam as vendas e se gostariam de ter algum tipo de auxílio com mídias sociais ou materiais para divulgação.

Após coletar as respostas percebemos que essas informações poderiam ser o início da nossa participação, criando um material gráfico que unisse as informações básicas das padarias ativas que formam a Rede Fermento na Massa, que fosse de fácil distribuição e atualização.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

De forma orgânica e participativa nossa atuação foi se desenhando, no tempo das trabalhadoras recebíamos as respostas e organizamos as informações criando um mapa on-line para a identificação das padarias ativas em Curitiba e Região Metropolitana. Nesse levantamento registramos 12 padarias ativas, totalizando 46 trabalhadoras em toda a Rede Fermento na Massa no ano de 2022, vale ressaltar a participação fluida das trabalhadoras dentro de cada padaria, podendo variar a quantidade de trabalhadoras em cada período do ano.

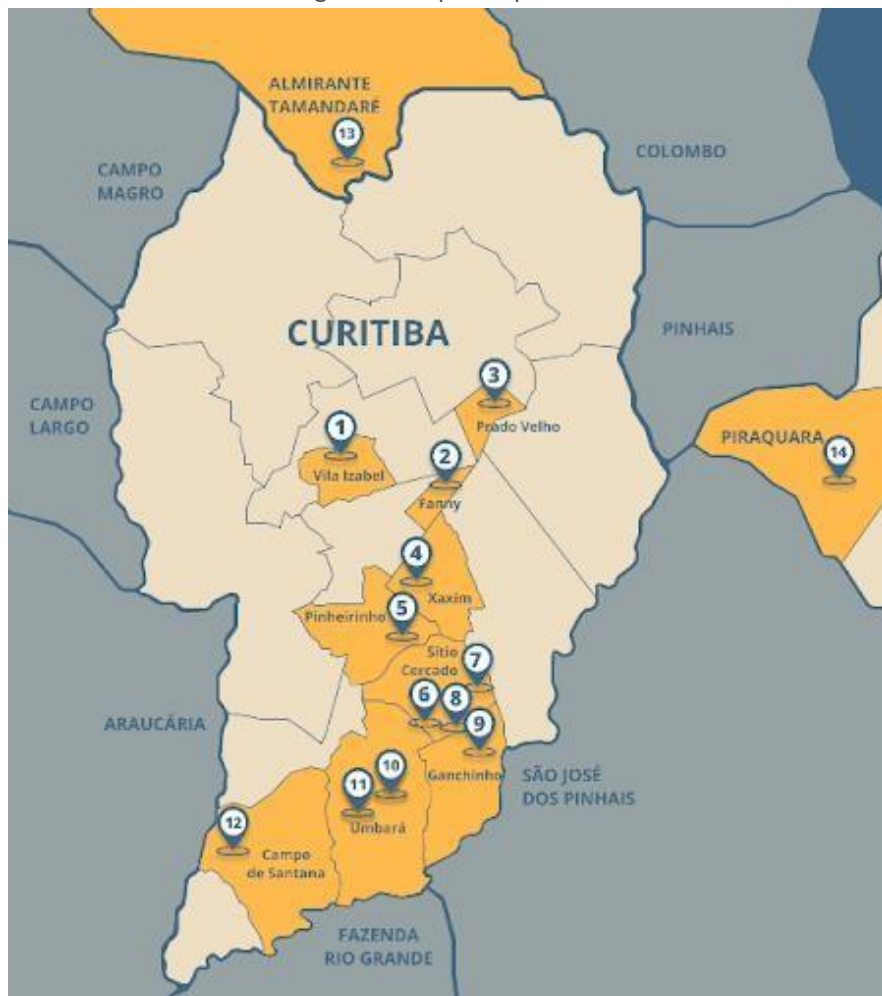
Tabela 1 - Levantamento de dados sobre a Rede

Padaria	Localidade	Número de trabalhadoras
Amizade	Piraquara	3
Cecopam	Xaxim	1
Enfarinhadas	Umbará	5
Monte Carmelo	Pinheirinho	3
Mãos de Fada	Sítio Cercado	3
Mãos Talentosas	Umbará	8
Nossa Sr. a Aparecida	Sítio Cercado	3
Perpétuo Socorro	Vila Izabel	6
Pão da Vida	Almirante Tamandaré	3
Pão Nosso	Fanny	3
Santos Dias	Vila Torres	5
São Tiago	Sítio Cercado	3

Fonte: as autoras (2023)

Como a ideia de trabalhar com o desenvolvimento de uma plataforma digital já havia sido descartada, adotamos a proposta de mapa para ser utilizado de maneira impressa e/ou ser compartilhado nas redes sociais. A ilustração do mapa das padarias (Figura 1) foi o primeiro resultado gráfico desse levantamento, ela foi apresentada para as trabalhadoras do comitê gestor e aprovada na reunião do mês seguinte.

Figura 1 - Mapa das padarias




Fonte: as autoras (2023)

A Rede Fermento na Massa se organiza através de um conselho gestor que se reúne uma vez ao mês. Por conta deste modelo de organização, o fluxo de desenvolvimento das peças de design levasse um tempo maior para se concluir. Precisávamos de um retorno de todas as trabalhadoras integrantes do conselho gestor para participar na ideação e na aprovação do desenvolvimento e dos resultados. Respeitando a forma como as padarias se organizam, em paralelo ao trabalho de mapeamento da Rede, iniciamos um contato maior com algumas dessas padarias que demonstraram interessadas nessa proposta de troca, com visitas para conhecer o espaço e as trabalhadoras e a forma como se organizam no dia a dia para colocar em prática a divulgação do seu trabalho.

Para celebrar o encerramento do curso de Panificação para a atuação em padarias comunitárias ofertado pela Rede Mandala (Rede Paranaense de Economia Solidária), as trabalhadoras da Rede organizaram um café colonial, para esta data as próprias trabalhadoras desenvolveram um simples panfleto, impresso na própria padaria para compartilhar com quem participasse do evento, um pouco da história da Rede. Neste evento conversando com algumas trabalhadoras foi proposto transformar o mapeamento das padarias ativas em um material

A partir do texto, desenvolvido pelas próprias trabalhadoras para este panfleto, propomos um material gráfico que poderia ser impresso ou compartilhado nas redes sociais, Figuras 2 e 3.

Figura 2 - Frente do flyer da Rede



Você conhece a Rede de Padarias Fermento na Massa?

Era uma vez um grupo de mulheres que se organizou para produzir pães e praticar a solidariedade. Isso aconteceu na década de 1990 em Curitiba e assim como faz crescer o pão, o fermento fez crescer a solidariedade praticada nas padarias comunitárias.

Essas padarias, que hoje compõem a Rede Fermento na Massa e a Rede Mandada (Rede Paranaense de Economia Solidária), têm como objetivo gerar trabalho e renda, dignidade, compartilhar produtos, sonhos e saberes, fortalecer a economia solidária e contribuir para a justiça social.

Semanalmente, em cada uma de nossas padarias, produzimos pães, bolos, biscoitos, doces e salgados e vendemos em nossa comunidade. Também atendemos a encomendas para eventos! Venha nos visitar, converse conosco, conheça nosso trabalho e experimente nossos deliciosos produtos.

Tudo o que fazemos está envolvido em alegria, amor e carinho.

Visite nossas redes sociais e conheça mais sobre o projeto!

CEFURIA
Associação de Economia Solidária Curitiba - Mandala
Centro de Atividades Sociais N.º 1 do Perpétuo Secreto

@padariascomunitarias

Fonte: as autoras (2023)

Para o verso do flyer, inserimos o mapa das padarias com seus respectivos dados para contato impresso.

Figura 3 - Verso do flyer da Rede

Saiba onde nos encontrar!



- 1** Padaria Nsra do Perpétuo Socorro
R. Prof. Dr. Pedro Ribeiro Macedo da Costa, 819 - Vila Izabel
Contato: 41 99738-6006
- 2** Padaria Pão Nosso
R. Omílio Monteiro Soares, 847 - Fanny
Contato: (51) 99553-3510
- 3** Padaria Santos Dias
Rua Arthur Otto Suckow, 22 - Prado Velho
Contato: (41) 998678670
- 4** Padaria CECOPAM
R. Mahatma Gandhi, 118-216 - Xaxim
Contato: (41) 99914-3865
- 5** Padaria Monte Carmelo
R. Monte das Oliveiras, 260 - Pinheirinho
Contato: (41) 99677-0254
- 6** Padaria São Tiago
R. Nova Aurora, 1340 - Sítio Cercado
Contato: (41) 99109-4250
- 7** Padaria Mãos de Fada
R. São J. dos Pinhais, 2120 - Sítio Cercado
Contato: (41) 99863-9443
- 8** Padaria Nossa Senhora Aparecida
Rua David Tows, 3600 - Sítio Cercado
Contato (41) 99860-7284.
- 9** Padaria Q' Delícia
R. Miguel Rossetim, 93 - Ganchinho
Contato: (41) 99749-1280
- 10** Padaria Enfarinhadas
R. Nicola Pellanda, 5000 - Umbará
Contato: (41) 99523-8195
- 11** Padaria Mãos talentosas
R. Romário Gonçalves, 03 - Umbará
Contato: (41) 98745-6169
- 12** Padaria Nova Vida
R. Humberto Bertoldi, 560 - C. de Santana
Contato: (41) 99682-2518

- 13** **Almirante Tamandaré**
Padaria Pão da Vida
Rua Wladislau Bugalski, 4880 - Lamenha Grande
Contato (41) 99725-0926
- 14** **Piraquara**
Padaria Amizade
R. Sebastião de Siqueira Cezar, 156 - Guarituba
Contato: (41) 99567-0248
- 15** **Mallet**
Padaria Mulheres Mão na Massa
Rua XV de Novembro, s/n - Bairro Dorizon
Contato (42) 991037100

Curitiba

1 Padaria Nsra do Perpétuo Socorro
R. Prof. Dr. Pedro Ribeiro Macedo da Costa, 819 - Vila Izabel
Contato: 41 99738-6006

2 Padaria Pão Nosso
R. Omílio Monteiro Soares, 847 - Fanny
Contato: (51) 99553-3510

3 Padaria Santos Dias
Rua Arthur Otto Suckow, 22 - Prado Velho
Contato: (41) 998678670

4 Padaria CECOPAM
R. Mahatma Gandhi, 118-216 - Xaxim
Contato: (41) 99914-3865

5 Padaria Monte Carmelo
R. Monte das Oliveiras, 260 - Pinheirinho
Contato: (41) 99677-0254

6 Padaria São Tiago
R. Nova Aurora, 1340 - Sítio Cercado
Contato: (41) 99109-4250

7 Padaria Mãos de Fada
R. São J. dos Pinhais, 2120 - Sítio Cercado
Contato: (41) 99863-9443

8 Padaria Nossa Senhora Aparecida
Rua David Tows, 3600 - Sítio Cercado
Contato (41) 99860-7284.

9 Padaria Q' Delícia
R. Miguel Rossetim, 93 - Ganchinho
Contato: (41) 99749-1280

10 Padaria Enfarinhadas
R. Nicola Pellanda, 5000 - Umbará
Contato: (41) 99523-8195

11 Padaria Mãos talentosas
R. Romário Gonçalves, 03 - Umbará
Contato: (41) 98745-6169

12 Padaria Nova Vida
R. Humberto Bertoldi, 560 - C. de Santana
Contato: (41) 99682-2518

Almirante Tamandaré

13 Padaria Pão da Vida
Rua Wladislau Bugalski, 4880 - Lamenha Grande
Contato (41) 99725-0926

Piraquara

14 Padaria Amizade
R. Sebastião de Siqueira Cezar, 156 - Guarituba
Contato: (41) 99567-0248

Mallet

15 Padaria Mulheres Mão na Massa
Rua XV de Novembro, s/n - Bairro Dorizon
Contato (42) 991037100

Fonte: as autoras (2023)

Como o fluxo de divulgações das padarias é semanal e as trabalhadoras precisam que isso seja feito de uma maneira prática, tentamos adaptar os materiais gráficos produzidos à plataforma Canva, uma ferramenta de criação de imagens que algumas delas já demonstravam certa habilidade, para que possa ser atualizado por elas, e utilizado como base para outras propostas. O resultado do material produzido foi apresentado às trabalhadoras, teve atualizações de dados e foi alterado conforme as sugestões das mesmas. Após a aprovação do comitê gestor, o primeiro flyer da Rede Fermento na Massa foi impresso em pequena tiragem e distribuído entre as padarias e em eventos que as padarias participaram.

Nossa troca foi modesta comparada a todo trabalho - de comunicação, vendas

trabalhadoras, nos mostrando disponíveis para dúvidas sobre comunicação nas redes sociais, como fazer artes para divulgação e até mesmo como usar alguma ferramenta das TICs.

Além da criação do flyer, trabalhamos com a proposta de auxiliar na comunicação da Rede como um todo. Desenvolvemos desde modelos para cardápios até postagens para redes sociais, sempre na plataforma Canva, para que pudessem ser alterados e adaptados de acordo com as necessidades de cada padaria e pelo aplicativo para celular, uma vez que é muitas vezes a única ferramenta que as trabalhadoras utilizam no seu cotidiano.

Como falado, o Canva foi utilizado apenas por ser a ferramenta mais familiarizada pelas trabalhadoras, o que pode variar em cada coletivo. Importante destacar que muitas destas ferramentas de criação audiovisual oferecem alguns serviços gratuitos e alguns pagos, ou apenas alguns meses gratuitos, o que pode limitar a produção audiovisual do grupo. Com o tempo, é importante o debate e o tensionamento do uso de alguns programas e plataformas, para o grupo escolher as TICs que melhor atendam às suas demandas, mas que também não limite suas formas de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um caminho para auxiliar na produção de material gráfico para comunicação da Rede, considerando que a maioria das trabalhadoras têm acesso a internet apenas pelo celular e pouca ou nenhuma habilidade com aplicativos de criação visual, criamos modelos de panfletos, cardápios e cartazes, relativamente simples, em uma plataforma de acesso gratuito, que pode ser utilizada em dispositivo móvel, que podem ser facilmente adaptados e replicados pelas trabalhadoras que já têm algum domínio dessa tecnologia.

Essa proposta, passa longe da referência de fazer design gráfico que aprendemos na universidade - aquele design desenvolvido em softwares pagos, por pessoas que sabem tudo sobre o que é mais atual dentro da comunicação visual - mas neste momento, foi a alternativa encontrada para que aquelas trabalhadoras pudessem dar continuidade ao seu trabalho com autonomia que, além de produzir os alimentos, também envolve divulgar e vender.

Um movimento importante para um design mais participativo é aproximar estudantes e profissionais de práticas solidárias, estimulando a troca de conhecimentos e projetos de design com o universo de contrapartidas que os Empreendimentos de Economia Solidária podem oferecer - de alimentos, vestimentas, a outros conhecimentos - estimulando assim outras formas de comercializar o design.

Em uma proposta de design solidário, o fazer design dentro de um ambiente onde as relações de trabalho ocorrem de forma democrática, permite além da compreensão de que todas as experiências são válidas, discutir sobre a prática do design e a participação a partir de uma relação de trabalho horizontal entre designers e não designers, o que é necessário para que seja possível uma prática crítica do design e de um processo de aprendizado contínuo muito além do ambiente acadêmico. e produção dos alimentos - que semanalmente as trabalhadoras da Rede possuem, mas foi um passo de aproximação de nós como pesquisadoras e designers com as

Participatory Design and Solidarity Economy: looking for a possible co-design

ABSTRACT

Recognizing the ongoing discussions in the Popular Solidarity Economy movement in Brazil and based on the research carried out with the Rede de Padarias Comunitárias Fermento na Massa, this article tells about the return of the Fermento na Massa activities after Covid-19, the researchers' approach to the Fermento na Massa and the exchange it created between the graphic design knowledge from the researchers and the experiences of Solidarity Economy workers. With this we discuss the relationship between the practice of design and Solidarity Economy, dialoguing with the concepts of participatory design and self-management in the practice of Solidarity Economy, we seek to reflect on the possibilities of a practice of a more solidary design, co-produced and seeking greater autonomy of female workers in communication and sales processes.

KEYWORDS: Solidarity Economy. Participatory Design. Make Design. Social Design. co-design.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às educadoras populares do Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo - Cefuria e principalmente a todas as trabalhadoras da Rede Fermento na Massa que disponibilizaram seu tempo, compartilharam suas experiências e nos acolheram em suas reuniões.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Cristiane Jorge de Lima et al. Design participativo: uma experiência de criação de aplicativos com meninas. Revista de Sistemas e Computação. v. 8, n. 2 (2018) [s.p.]. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rsc/article/view/5780> Acesso em: 14 fev. 2023.

DAGNINO, Renato Peixoto. Tecnologias sociais: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas: Unicamp, 2009.

DAGNINO, Renato. Tecnologia Social e Economia Solidária: construindo a ponte. In: DAGNINO, Renato. Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7hbd/pdf/dagnino-9788578793272-10.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023

FBES. Documento orientador da VI Plenária Nacional de Economia Solidária. Economia Solidária: autogestão como estratégia de resistência e alternativa à crise do capitalismo, na luta pela radicalização da democracia. Brasil, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/ITCP/announcement/view/509> Acesso em: 14 fev.2023

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 62. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 5. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

GAIGER, Luiz Inácio. Virtudes do trabalho nos empreendimentos econômicos solidários. Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo, [s. l.], n. 13, 2001.

MACHADO. Giovanna da Silva, Et al. As contribuições de Paulo Freire para o Design da Informação. Anais do 10º Congresso Internacional de Design da

Informação CIDI. Curitiba: UFPR, 2021. Disponível em:
<<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/as-contribuies-de-paulo-freire-para-o-design-da-informao-36591>> Acesso em: 14 fev. 2023.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. A Cruel Pedagogia do Vírus. Pandemia Capital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANTOS, Michelle Regina Alves dos. Design participativo que importa: um caminho possível para a promoção da autonomia em projetos de letramento digital. 2021. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

SERPA, Bibiana et al. Contribuições político-pedagógicas para o design participativo de Paulo Freire. In: CONGRESSO DE DESIGN PARTICIPATIVO 2020- PARTICIPAÇÃO(ÕES) CASO CONTRÁRIO-VOLUME 2, 16., 2020. Anais [...]. [S. l.], 2020. p. 170-174.

SILVA, Guilherme Alves da. Uma perspectiva crítica para as políticas públicas de inclusão digital no Brasil: estudo de caso sobre não-usos e não-usuários de internet. 2020. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós graduação em Tecnologia e Sociedade, UTFPR, 2020.

SINGER, Paul. Economia Solidária versus economia capitalista. Sociedade e Estado, Brasília, [s. l.], v. 16, p. 1-2, 2001. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/se/a/Xy7BmyrV8tHfwKNVhmSXFyw/?lang=pt>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SPINUZZI. Clay. The methodology of Participatory Design. Technical communication, 52(2):163–174 Austin: 2005 Dispognível em:
<<https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/28277/SpinuzziTheMethodologyOfParticipatoryDesign.pdf>> Acesso em: 14 fev. 2023

Recebido: 15/02/2023

Aprovado: 04/10/2023

DOI: 10.3895/rts.v19n58.16346

Como citar:

MELEZINSKI, H. V.; COSTA, M. F.; AMORIM, M. L. *et al.* Design participativo e economia solidária: em busca de um co-design possível. **Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 19, n. 58, p. 380-393, out./dez., 2023. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/16346>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

